

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE CIÊNCIAS DO DESPORTO E EDUCAÇÃO FÍSICA



**ESTUDO CORRELATIVO ENTRE ATITUDES E A
ORIENTAÇÃO MOTIVACIONAL PARA O EGO:**

Estudo realizado em jovens atletas em função do Género, Contexto de
prática e Tipo de modalidade

Cláudio Miguel Marques

Coimbra 2005

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE CIÊNCIAS DO DESPORTO E EDUCAÇÃO FÍSICA

**ESTUDO CORRELATIVO ENTRE ATITUDES E A
ORIENTAÇÃO MOTIVACIONAL PARA O EGO:**

Estudo realizado em jovens atletas em função do Género, Contexto de
prática e Tipo de modalidade

Dissertação apresentada com vista à
obtenção do grau de licenciado em
Ciências do Desporto e Educação
Física, pela Universidade de Coimbra.
Sob orientação do Professor Carlos
Eduardo Gonçalves e coordenação do
Professor Doutor Manuel João Coelho
e Silva.

Cláudio Miguel Marques

Coimbra 2005

RESUMO

Este estudo teve como objectivo correlacionar as dimensões extraídas no “Youth Sport Values Questionnaire” com as dimensões extraídas no "Task and Ego Orientation in Sport Questionnaire", correlacionar as dimensões extraídas no "Task and Ego Orientation in Sport Questionnaire" com as dimensões extraídas no "Sport Attitudes Questionnaire", e por fim, descrever os efeitos do Género, Contexto e Tipo de desporto sobre as dimensões extraídas.

Estes questionários foram aplicados nos distritos de Coimbra, Leiria, Viseu e Aveiro em 14 modalidades desportivas. A amostra foi constituída por indivíduos com idades entre os 13 e os 16 anos, rapazes e raparigas, do desporto escolar e federado, de modalidades individuais e colectivas, num total de 993 atletas.

O quadro de conclusões mostra que a dimensão Competência do YSVQ se sobrepõe à dimensão Tarefa do TEOSQ, e que a dimensão Estatuto do YSVQ se sobrepõe à dimensão Ego do TEOSQ. Não existem diferenças do género, contexto e tipo de desporto na expressão das dimensões extraídas do TEOSQ e YSVQ, pois em muitos casos, não existiram variações substanciais do sentido e da magnitude.

Outra das conclusões mostra que a dimensão Tarefa do TEOSQ é uma variável preditora da dimensão Convenção e Compromisso do SAQ, e que a dimensão Ego do TEOSQ é uma variável preditora da dimensão Batota e Anti-desportivismo do SAQ. Também aqui, não existem diferenças do género, contexto e tipo de desporto na expressão das dimensões extraídas do TEOSQ e SAQ.

ÍNDICE GERAL

RESUMO	I
INDICE GERAL	II
ÍNDICE DE TABELAS	III
AGRADECIMENTOS	IV
1. INTRODUÇÃO	1
<i>1.1. Delimitação do Problema</i>	1
<i>1.2. Pertinência do Estudo</i>	2
<i>1.3. Objectivos/hipóteses</i>	3
2. REVISÃO DE LITERATURA	5
<i>2.1. O desporto e a aquisição de valores</i>	5
<i>2.2. Motivos para a prática desportiva nos jovens</i>	6
<i>2.3. Valores</i>	8
<i>2.3.1. Estudos sobre valores</i>	11
<i>2.4. Atitudes</i>	13
<i>2.4.1. Estudos sobre Atitudes</i>	14
<i>2.5. Orientação para a realização de objectivos</i>	15
<i>2.5.1. Estudos sobre Orientação para a Realização de Objectivos</i>	17
3. METODOLOGIA	19
<i>3.1. Amostra</i>	19
<i>3.2. Instrumentos</i>	20
<i>3.3. Procedimento</i>	20
<i>3.4. Observadores</i>	21
<i>3.5. Análise estatística</i>	21
4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	22
5. CONCLUSÕES	30
<i>5.1. Limitações do estudo</i>	30
<i>5.2. Conclusões propriamente ditas</i>	30

5.3. Sugestões para estudos seguintes 31

6. BIBLIOGRAFIA 32

ANEXOS

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1. Distribuição global da amostra segundo o género, o contexto e o tipo de desporto	19
Tabela 2. Distribuição dos atletas segundo o género, de acordo com o contexto e o tipo de desporto	19
Tabela 3. Distribuição da amostra de acordo com a modalidade praticada	20
Tabela 4. Coeficiente de correlação bivariada simples entre as dimensões Competência e Estatuto extraídas do questionário de Valores no desporto (YSVQ-2) e a Orientação para a Realização de Objectivos (TEOSQ)	22
Tabela 5. Coeficiente de correlação bivariada simples entre a Orientação para a Realização de Objectivos (TEOSQ), e as componentes principais extraídas do questionário de Atitudes face ao desporto (SAQ)	25

AGRADECIMENTOS

Depois da realização deste estudo e findo o percurso académico, que tanto trabalho, responsabilidade e ensinamentos me proporcionou, quero demonstrar o meu “OBRIGADO” a todos os que tornaram este percurso e este estudo possível e que me ajudaram a concretizá-lo.

Agradeço à minha família, amigos, colegas e professores, em especial:

Ao Professor Doutor Manuel João Silva (Coordenador) e ao Professor Carlos Gonçalves (Orientador), pela disponibilidade, paciência, ensinamentos, incentivo e auxílio prestado ao longo deste ano lectivo.

Aos treinadores, colegas professores e atletas que tornaram possível a recolha de dados, fundamental para a elaboração deste trabalho.

Aos colegas de seminário, Rui Cruz, Alexandre Gago e Ana Teixeira, pela colaboração no decorrer do processo de recolha de dados.

Aos meus pais, pela paciência, afecto e apoio durante a minha formação académica.

À minha querida namorada Liliana Cruz, pelo carinho, paciência e apoio, demonstrado ao longo destes 5 anos do curso.

Aos meus colegas de estágio, Sérgio Alves e Margarida Sousa, pelos grandes momentos que passámos juntos durante este ano lectivo.

1. INTRODUÇÃO

1.1. Delimitação do Problema

Hoje em dia, uma das questões mais discutidas no desporto pelos investigadores, são os factores que levam as crianças e os jovens à sua prática. Estes estudos teóricos contribuem para entender os mecanismos da motivação das crianças tendo em conta os parâmetros ambientais e sociais que influenciam a participação desportiva.

Embora os jovens disponham, hoje em dia, de mais tempo livre para praticarem desporto e, embora seja um facto adquirido que este desempenha um papel relevante nos domínios da educação, da saúde e do lazer, a juventude portuguesa encontra-se actualmente mais sedentária, com uma actividade física menos frequente, tornando-se, conseqüentemente, mais obesa (Marivoet, 2001, citada por Lourenço, 2004).

De acordo com Silva et al (2003), os jovens activos têm maior probabilidade de manter a sua actividade em adultos. Como a actividade desportiva contribui para o desenvolvimento e formação do jovem, é necessário incentivar os jovens à prática do desporto. Mas, para isso, é necessário conhecer os motivos da sua prática.

Os Valores no desporto são entendidos como um princípio orientador da actividade e do comportamento. É com base neles que são constituídos juízos e apreciações.

O desporto, sendo um fenómeno de socialização, é utilizado como transmissor dos Valores da comunidade em que o atleta está inserido. Esta socialização resulta das interacções dos vários agentes (família, colegas de equipa, treinadores, ...) com o atleta. Gonçalves (1999) refere que é inútil transmitir valores como a honestidade no desporto se, em outros locais como na escola ou em casa, os jovens atletas interagem com exemplos opostos. É necessário que estes agentes trabalhem em conjunto, e tenham consciência do seu papel na formação do jovem atleta, não apenas na transmissão de conhecimentos técnicos e táticos, mas também de conhecimentos que levem ao desenvolvimento da personalidade e à construção de um sistema de valores.

É desejável que o desporto incuta nos seus participantes Valores positivos e diferenciados, tais como o "fair play", desportivismo, amizade e tolerância, (Lee et al, 2000), o que nem sempre se verifica.

Nos últimos anos o comportamento dos jovens no desporto tem sofrido alterações, muito por culpa da excessiva importância atribuída à competição. Comportamentos como a batota, egoísmo, comportamentos violentos, individualismo e falta de respeito pelos colegas são cada vez mais abundantes no desporto.

De modo a evitar este facto, é necessário criar situações que proporcionem comportamentos positivos, pois estes, segundo Gonçalves (1999), estão intimamente dependentes da qualidade das situações que são criadas na prática desportiva.

Existe um número reduzido de investigações sobre os Valores, muito por culpa da falta de um instrumento que os conseguisse identificar nos atletas com idades mais baixas.

Pelo facto dos valores estarem a ser modificados no comportamento de cada indivíduo, a sua identificação nos jovens atletas, é de vital importância para melhor se entender o processo pelo qual eles tomam as decisões em situações desportivas.

1.2. Pertinência do Estudo

Não basta apelar e sensibilizar a sociedade para os benefícios da actividade física. Este acto deve ser acompanhado por evidências, ou seja, estudos que realmente comprovem esses benefícios. Apesar disso, existem poucos estudos em Portugal que analisem os Valores, as Atitudes e a Orientação para a Realização de Objectivos dos atletas em função da actividade desportiva, nomeadamente na distinção entre o género masculino e feminino, entre atletas de modalidades colectivas e de modalidades individuais, e entre atletas federados e do desporto escolar.

Em 2003, Gonçalves e Silva, realizaram um estudo em três distritos de Portugal, com o objectivo de verificar quais os Valores e qual a Orientação para a Realização de Objectivos em jovens basquetebolistas.

Cardoso (2004), Freitas (2004) e Lourenço (2004) incluíram um novo instrumento (YSVQ-2) para o estudo dos Valores e abordaram outras modalidades para além do Basquetebol (Andebol, Atletismo, Badminton, Canoagem, Futebol, Ginástica, Natação, Hóquei em Patins, Judo, Patinagem, Remo, Ténis de Mesa, Ténis e Voleibol). Além disso, distinguiram o Género dos atletas (masculino e feminino), o Contexto em que a actividade física se desenvolvia (Desporto Escolar ou Federado) e o Tipo de prática desportiva (Individual ou Colectiva).

O presente estudo surge no seguimento dos dois anteriores. Comparativamente ao estudo anterior, houve um aumento da amostra de modo a que o número de atletas em cada grupo (Contexto, Género, e Tipo de prática) fosse semelhante tornando os resultados mais fiéis.

Deste modo, temos a possibilidade de realizar um estudo ainda mais aprofundado acerca dos Valores, das Atitudes e da Orientação para a Realização de Objectivos e descobrir um pouco mais acerca dos aspectos sociais e psicológicos de jovens atletas.

Sabendo que a competição desportiva é regida por diferentes Valores, Atitudes e Orientações para a Realização de Objectivos, é importante conhecer quais as mais comuns entre os jovens atletas.

Este trabalho surge com o intuito de relacionar os Valores no desporto de jovens com a Orientação para a Realização de Objectivos, e esta com as Atitudes face à prática desportiva (em função do escalão etário, Género, Tipo de desporto e Contexto de prática). Determinando associações entre os Valores, as Atitudes e a Orientação para a Realização de Objectivos, o professor ou treinador, tem uma maior capacidade para intervir em atletas muito diferentes, com convicções e comportamentos muito diferenciados.

1.3. Objectivos/hipóteses

Neste estudo pretendemos identificar a possível correlação entre o "Youth Sport Values Questionnaire" (YSVQ) e o "Task and Ego Orientation in Sport Questionnaire" (TEOSQ), e a correlação entre este e o "Sport Attitudes Questionnaire" (SAQ).

Mais especificamente, os objectivos deste estudo são:

- correlacionar as dimensões extraídas no "Youth Sport Values Questionnaire" (Estatuto e Competência) com as dimensões extraídas no "Task and Ego Orientation in Sport Questionnaire" (Ego e Tarefa);
- correlacionar as dimensões extraídas no "Task and Ego Orientation in Sport Questionnaire" (Ego e Tarefa) com as dimensões extraídas no "Sport Attitudes Questionnaire" (Batota, Anti-desportivismo, Convenção, e Compromisso);
- descrever os efeitos do género, contexto e tipo de desporto sobre as dimensões extraídas do YSVQ-2, TEOSQ e SAQ.

Estes objectivos podem criar uma série de hipóteses:

- a dimensão Competência do YSVQ sobrepõe-se à dimensão Tarefa do TEOSQ, enquanto a dimensão Estatuto do YSVQ se sobrepõe à dimensão Ego do TEOSQ;
- a dimensão Tarefa do TEOSQ é uma variável preditora da dimensão Convenção e Compromisso do SAQ;
- a dimensão Ego do TEOSQ é uma variável preditora da dimensão Batota e Anti-desportivismo do SAQ;
- existem diferenças de género, contexto e tipo de desporto na expressão das dimensões extraídas do YSVQ-2, TEOSQ e SAQ.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1. O desporto e a aquisição de valores

O desporto possui um considerável valor educativo intrínseco e é visto como um veículo transmissor de valores positivos, contribuindo para a formação integral de crianças e jovens. A prática desportiva dos jovens é fomentada e incentivada devido às suas virtudes formativas (carácter, disciplina, e vontade) (Gonçalves & Silva 2003).

O desporto promove a transmissão e desenvolvimento dos valores, levando a que os jovens se envolvam em novas experiências e interações sociais. Gonzalez (2000) citado por Fernandes (2003), refere que estes valores são adquiridos através de processos de socialização e de transmissão de valores entre os seres humanos. Além dos valores inerentes à modalidade, são transmitidos valores e crenças da sociedade.

Como foi dito anteriormente, o desporto promove a formação integral da criança desenvolvendo capacidades cognitivas, afectivas e motoras na sua prática, o que, não afecta os indivíduos da mesma forma, existindo por isso diversidade de valores, comportamentos e de atitudes.

É de referir que as sociedades sofrem alterações, o desporto acompanha essa mudança, bem como os valores.

A actividade desportiva pode transmitir valores desejáveis e outros não desejáveis. Estudos sugerem que o impacto da prática desportiva nos jovens pode não ser, linearmente, gerador de convicções e atitudes pró-sociais (Keech & McFee, 2000 ; Brettschneider, 2001 citados por Gonçalves et al 2004). Deste modo, quando o desporto é bem utilizado, pode ensinar valores positivos como o respeito pelas regras ou então a subordinação dos interesses do jovem atleta face aos do grupo. Quando é mal utilizado, pode estimular valores negativos como o individualismo e a obsessão pela vitória.

Este último aspecto tem estado presente no desporto actual, sobretudo nas camadas mais jovens. Aqui, a prática desportiva devia privilegiar o divertimento e as melhorias técnicas, em detrimento da excessiva competição e obsessão pela vitória presentes actualmente.

Gonçalves (1988) citando Orlick (1981), reforça esta ideia de excessiva competição no desporto para jovens. Para o autor, esta organização excessivamente "competitiva", provoca no jovem atleta o desenvolvimento e aquisição de valores considerados negativos e individualistas.

Para Gonçalves (1999) o problema não está presente na atitude de participar para alcançar a vitória, mas sim nos meios que utilizam para ganhar e no comportamento adoptado pelo jovem atleta quando não atinge esse objectivo.

Marques (2002) citado por Gonçalves et al (2004) refere que no âmbito do desporto organizado é aceite que, é a correcta organização e orientação das actividades que determina o efeito pedagógico positivo da participação das crianças e jovens.

Por isso, é importante intervir sobre os agentes de socialização, “pois são as interacções com os pais, os treinadores, os companheiros, a assistência, que vão determinar o valor qualitativo, à valência da prática desportiva e se esta representa ou não um verdadeiro factor de formação e desenvolvimento dos jovens” (Gonçalves, 1999).

2.2. Motivos para a prática desportiva nos jovens

Para a formação e desenvolvimento da personalidade do jovem atleta, são necessários suportes que permitam um processo equilibrado. Tal acontece sempre que a família, os amigos, os professores e os treinadores actuam de forma positiva na formação do jovem.

Whitehead (1993) refere que as crianças participam no desporto para se divertirem, melhorar as habilidades, pertencer a um grupo, ter sucesso e obter reconhecimento, estar em forma e procurar excitação.

No estudo de Gonçalves (1999) os jovens privilegiam a melhoria dos níveis de execução das diversas habilidades motoras e, de seguida, o "resultado" e o "sucesso" em segundo lugar. Os jovens também deram importância ao facto de “estar com os companheiros, de criarem novos conhecimentos, de terem alegria e satisfação com o que fazem na prática desportiva, enfim sentirem-se bem” (Gonçalves, 1999).

Segundo Lee et al (2000) os motivos que levam os jovens a praticarem desporto são a diversão (resposta mais vezes mencionada), seguida de aquisições pessoais e desportivismo. O mesmo autor verificou nas suas entrevistas que, 93% dos jovens consideram a vitória importante no desporto, contudo, em termos de hierarquia, colocaram-na em último lugar.

De acordo com os motivos é necessário proporcionar situações que promovam essas sensações, de modo a evitar aborrecimento, insucesso, falta de interesse, ou abandono desportivo. Apesar disso, é complicado identificar os vários objectivos dos jovens e conciliá-los para a prática desportiva.

As dificuldades estão mais presentes nos desportos colectivos, pois existem interesses diferentes de todos os elementos da equipa, que têm de ser orientados para objectivos que agradem a todos. O facto de numa mesma equipa existirem elementos orientados para o Ego, elementos orientados para a Tarefa, ou elementos que querem apenas conviver com os amigos, leva a que alguns atletas abandonem a prática desportiva regular por desmotivação, desinteresse ou aborrecimento, pois nem todos vão ganhar na sua participação desportiva o interesse que os mantinha na mesma (Cardoso, 2004).

Tucker e Parks (2001), referem que os atletas apreendem comportamentos agressivos através da influência dos grupos sociais primários, tais como os colegas de equipa e os treinadores. Gonçalves (1999) reforça esta ideia indicando que o modo como as crianças vivem e praticam desporto está fortemente influenciado pela sua relação com os colegas, pais, treinadores e escola.

Por isso, a participação dos agentes de socialização deve ser equilibrada, pois uma excessiva interferência na participação desportiva pode prejudicar a criança. A criança em situação de pressão, pode inibir-se ou até abandonar o desporto competitivo.

Também o facto dos pais ou treinadores utilizarem os atletas para seguirem os seus sonhos, não é benéfica. Para Lee (1993) os atletas são a possibilidade do treinador ter sucesso e podem representar as ambições dos pais. O autor refere ainda que, estes

objectivos podem ser válidos para a participação desportiva da criança, mas nunca podem remeter para segundo plano o bem-estar do atleta e as suas próprias motivações.

2.3. Valores

Existe uma grande dificuldade em apresentar uma definição de valor que reúna um total consenso. Segundo Lee et al (2000), até recentemente a discórdia quanto à natureza do conceito de “Valor”, deveu-se à falta de um instrumento de medida e à dificuldade em definir o conceito de valor, pois este relaciona-se com outros aspectos.

Um dos problemas do conceito de valor parte da confusão que se estabelece com outros conceitos. Pais (1988) citado por Fernandes (2000) distingue normas de valores. O autor afirma que as normas são regras que asseguram o bom funcionamento social, sendo por isso socialmente partilhadas enquanto que, os valores apresentam maior variabilidade de indivíduo para indivíduo.

Lee (1996) citado por Gonçalves et al (2004) menciona que os valores são “crenças duradouras em que, um comportamento específico é... pessoal ou socialmente preferível a outro comportamento... contrário ou alternativo.” São convicções sensivelmente estáveis e contínuas, que operam de forma consistente perante diferentes situações e que, representam condutas socialmente desejáveis. Os valores funcionam como “princípios que orientam a vida pessoal e social” (Lee, 2000). Deste modo, podemos dizer que os valores são universais pois, transcendem as situações, são transmitidos pelo grupo social dominante e são o móbil das acções e padrão de avaliação de condutas, sempre positivos para o indivíduo em questão (Gonçalves, 2004 citado por Gonçalves et al, 2004).

Os valores são assumidos como a forma mais geral e abstracta de cognição social, formada muito cedo durante a infância e que, servem para facilitar a adaptação do indivíduo ao ambiente (Kahle, 1996, Stern et al, 1995 citados por Batra et al, 2001).

A aprendizagem dos valores, decorre das condutas dominantes do grupo a que pertencem e das próprias experiências individuais. A interacção com o meio vai moldar a personalidade e o carácter do indivíduo (valores, atitudes,...). Desta maneira, todas as interacções que envolvem o ser humano são importantes. Segundo Rockeach (1973)

citado por Sanmartin (1995) os valores são adquiridos através dos processos de socialização. O mesmo autor refere ainda que, os valores se formam em função de vários critérios, que podem ser atribuídos à cultura, à sociedade, ou à própria personalidade do indivíduo.

O indivíduo pode deparar-se com situações que o levam a demonstrar um valor em detrimento de outro, demonstrando-se assim, a existência de um escalonamento dos valores consoante a sua importância (Schwartz, 1994, citado por Lee et al, 2000). Lee (1993) refere ainda, que os valores tendem a estar organizados em sistemas, ou seja, o pensamento coloca por ordem de prioridade os diferentes valores, orientando os comportamentos.

Sanmartin (1995) divide os valores em instrumentais (maneiras como as pessoas se comportam) e terminais (situações que as pessoas tentam alcançar). Esta questão pode originar conflitos pois, os atletas têm de decidir entre os valores instrumentais (cumprir as regras de jogo) e os valores terminais (ganhar o jogo). Numa situação em que o atleta segue um código de valores aceitável, o jovem optaria certamente, por tentar ganhar cumprindo as regras de jogo. Mas nem sempre conseguem tomar a decisão, sem entrarem em conflito com a sua própria consciência.

Vários estudos falam da primazia hierárquica dos valores sobre as atitudes e sobre os comportamentos (Homer & Kahle, 1988 citado por Batra et al, 2001). Andrade (1992), citado por Fernandes (2000), afirma a existência dos valores nas atitudes, ou seja, alguns valores determinam certas atitudes reflectindo-se nas condutas e comportamentos diários do indivíduo na relação com o Mundo.

Actualmente, a sociedade está mais orientada para a valorização do presente, do dia-a-dia, à vivência das situações em si mesmas e imediatamente gratificantes. Há assim uma diminuição da importância de valores tais como disciplina, adaptação, esforço e um aumento da importância de valores como autonomia, criatividade, autodeterminação e risco.

É cada vez mais comum o desenvolvimento de valores e de atitudes contrárias ao espírito desportivo e Fair-play. O culto da excelência e do elitismo, tem provocado um

afastamento do desporto em relação ao seu objectivo primário ao transparecer que, sucesso e glória, se alcançam através da capacidade de se superiorizarem em relação aos demais (Juan et al, 2001 citados por Cardoso, 2004).

Os valores no desporto têm-se modificado, a par da sociedade, tornando-se cada vez mais em interesses económicos, onde as novas tecnologias e inovações permitem ao homem correr mais rápido e saltar mais alto ainda que, coloquem em risco a saúde e até a vida dos atletas em determinados momentos. Feio (1989), reforça essa ideia, referindo que o lado económico do desporto se tornou muito importante.

Este facto leva a que, muitas vezes, sejam esquecidos os valores morais e atitudes positivas, em detrimento de comportamentos agressivos, e desrespeito pelas normas sociais.

Muitos clubes federados formam jovens com vista a ter sucesso enquanto seniores. Para tal é transmitida aos jovens a necessidade de superarem os adversários, de modo a ganharem a todo o custo se necessário (valores muitas vezes presentes no desporto sénior e que não devem ser transferidas para o desporto jovem). Isto não deve ser feito, pois assim, os atletas são conscientemente treinados para actuarem à margem das leis, de modo a ganharem vantagem. As actividades físicas desenvolvidas pelas crianças e pelos jovens, não podem suportar uma competição tão vincada.

O desporto é considerado como um fenómeno cultural mas está longe de ser moralmente inocente (Tamburrini e Tannsjö, 1999 citados por Cardoso, 2004) e muito do que o desporto nos oferece, hoje em dia, é negativo e deve ser combatido.

Existem várias reticências no que se refere ao desporto organizado enquanto transmissor de valores positivos devido à competição e ao espectáculo gerado à volta dele.

O sistema actual de treino desportivo e o próprio modelo de competição, parecem criar condições para a demonstração de desigualdades e diferenças. Orlick (1980), citado por Gonçalves (1988) acusa a competição desportiva nos jovens, de provocar nestes a aceitação de valores individualistas e negativos. Estes aspectos levam à necessidade de

alterar e alargar as práticas, os modelos e as formas de organização tradicionais do desporto.

Os jovens devem entender o desporto como algo mais do que a vitória. Os jovens atletas devem praticar desporto, com o objectivo de desenvolverem as suas capacidades físicas, intelectuais e relacionais. É necessário terem contacto com o divertimento e convívio proporcionado pelas actividades físicas.

2.3.1. Estudos sobre valores

O estudo sobre este assunto no desporto jovem, tem-se deparado com algumas dificuldades nomeadamente, a dificuldade de clarificar constructos e de desenvolver instrumentos que os consigam medir.

Os valores estão a ser modificados ao longo do tempo, e isso reflecte-se no comportamento de cada indivíduo. Por isso a sua identificação é importante para melhor se entender o processo pelo qual eles tomam as decisões em situações desportivas.

Gonçalves (1988) citando Bredemeier & Shields (1985) e Mugno & Feltz (1986) refere que os valores expressos pelos jovens praticantes revelam um nível inferior ao manifestado pelos não-praticantes. O mesmo autor citando Knoppers et al (1986) refere ainda que, o conceito de vitória a qualquer preço merece maior aceitação entre os praticantes, comparativamente aos não-praticantes.

No estudo de Lee (1993), com jovens futebolistas e tenistas de ambos os sexos, dos 12 aos 16 anos, os valores mais referidos pelos jovens foram o divertimento, a vitória e a camaradagem. Os futebolistas estavam mais preocupados com valores colectivos (espírito de equipa, conformidade, e obediência), do que os tenistas.

Gonçalves & Silva (2003), no seu estudo com jogadores federados de basquetebol, rapazes de idades entre 15 e 16 anos, constataram que os valores mais referidos foram o divertimento e a integração social. Apesar da coincidência no item classificado em 1º lugar por ambos os grupos (“sinto-me bem e divirto-me”) e de acordo, com a maioria dos estudos sobre os motivos dos jovens para a prática desportiva, os jovens portugueses colocam em 2º e 3º lugar itens que os jovens ingleses consideram sem

importância. Do mesmo modo, os basquetebolistas conferem ao item “quero ganhar” uma importância relativa que os ingleses negligenciam (último lugar). Tudo se passa como se, para os jovens portugueses, a integração social no grupo constitua o valor superior, perdendo importância a valorização desportiva e pessoal.

Lourenço (2004) conclui no seu estudo, em que compara rapazes e raparigas com idades compreendidas entre os 13 e os 15 anos que, os rapazes estão mais predispostos para a conquista de vitórias e elegem como uma das principais razões para praticar desporto, a possibilidade de se manterem em forma e de atingirem um bem-estar físico. Por outro lado, as raparigas têm um comportamento mais pró-social, preocupando-se em auxiliar os outros sempre que necessário.

Freitas (2004), no seu estudo constata que os indivíduos do desporto escolar valorizam mais os aspectos que se prendem com o Estatuto.

Um dos instrumentos utilizados como questionário de valores (e utilizado neste estudo), é o "Youth Sport Values Questionnaire" (YSVQ-2), de Lee & Whitehead (2002). Este é composto por três dimensões: “Moral”, “Competência” e “Estatuto”.

Segundo Gonçalves et al (2004), depois de este instrumento ter sido aplicado em Portugal, concluíram que é possível identificar as dimensões *Competência* e *Estatuto*, mas o terceiro factor (Moral) permanece de difícil interpretação. Não há assim, concordância com as dimensões identificadas em Inglaterra por Lee & Whitehead.

Os mesmos autores referem várias razões para essas diferenças, tais como os problemas de tradução ou de compreensão das frases que descrevem os valores por parte dos jovens portugueses, as diferenças culturais entre os jovens dos dois países, ou então as fragilidades psicométricas do instrumento e as dificuldades quanto à sua utilização em Portugal nomeadamente, em conjunto com outros inventários em que se procura testar modelos de avaliação moral do Desporto Infante-Juvenil.

2.4. Atitudes

Os conceitos de “Atitude” e “Valor” são caracterizados pela sua proximidade conceptual. Rokeach (1973), citado por Lee et al (2000) refere que a diferença entre estes dois conceitos se encontra ao nível da abstracção. O mesmo autor indica que “a atitude é a organização de várias crenças em torno de um objectivo ou situação enquanto que, o valor diz respeito a uma só crença específica”. Ainda Rokeach (1979) citado por Vala & Monteiro (1997) considera que enquanto as atitudes se dirigem a um objecto, os valores são mais abstractos e gerais.

Burnett (1998) define atitude como o comportamento de uma pessoa, indicador dos seus pensamentos, sentimentos ou opiniões.

Andrade (1992) citado por Fernandes (2000) refere que, os valores subsistem nas atitudes, ou seja, os valores determinam as atitudes. Desta maneira identificam-se alguns valores enquanto existem milhares de atitudes.

Para Thomas e Znaiecki (1918), citados por Ajzen e Fishbein (1980) a atitude é um processo mental que determina os comportamentos do indivíduo. Se a aprendizagem das atitudes se deve à interacção entre o indivíduo e o meio, então numa mesma situação, diferentes indivíduos têm diferentes atitudes. As experiências anteriores têm grande importância na escolha da atitude numa situação.

As atitudes relacionam-se com as características da personalidade e com as diferenças de cada indivíduo, levando-o a ter determinados comportamentos Gill (1986). São características relativamente estáveis do indivíduo (como a personalidade) dirigidas a alvos específicos tais como, o conjunto de pessoas, eventos ou ideias (Hardy et al, 1996). Gill (1986) refere que as atitudes podem influenciar os comportamentos durante a realização de actividade desportiva.

A atitude pode ser dividida em três componentes (comportamental, afectiva e cognitiva):

- A componente comportamental consiste na projecção comportamental que o indivíduo assume perante o objecto da atitude (Gill, 1986). É a acção que o indivíduo assume tendo em conta o alvo da atitude.
- A componente afectiva refere-se à direcção e à intensidade da própria atitude, aos sentimentos e à avaliação positiva ou negativa em relação ao objecto da atitude.
- Gill (1986) refere que a componente cognitiva engloba as crenças, estereótipos e as informações que se têm sobre o objecto da atitude, levando o sujeito a, agir, sentir e pensar de forma consistente.

2.4.1. Estudos sobre Atitudes

As conclusões de um estudo efectuado por Selby e Lewko, em 1976 (referenciado por Gill, 1986), referem que os elementos do género feminino possuem atitudes mais positivas quando comparadas com os indivíduos do género masculino.

Gonçalves (1999) citando um projecto de investigação no âmbito da Didáctica da Educação Física no ano lectivo de 1995/96, com 389 jovens, pertencentes a 6 escolas de Lisboa, refere que os jovens atletas que participam em competições desportivas fora do contexto escolar são os que mais acham correcto protestar os erros dos árbitros, no caso de este errar. Por outro lado, consideram que as decisões dos árbitros devem ser respeitadas sempre que a decisão do árbitro for a correcta. O mesmo estudo refere ainda que, os praticantes em competições desportivas fora do contexto escolar, consideram aceitável fazer batota se o árbitro ou juiz não ver.

Lee et al (2002), constataram no seu estudo que os indivíduos do sexo masculino envolvidos em desportos colectivos, têm uma maior tendência para a Batota e para o Anti-desportivismo, do que os de modalidades individuais. Não há diferenças significativas entre as raparigas de desportos individuais e colectivos.

Ainda o mesmo autor constatou que os rapazes têm maior tendência para o Compromisso e para o Anti-desportivismo do que as raparigas. Os jovens atletas de desportos colectivos têm maior tendência para a Batota e para o Anti-desportivismo, do que os de desportos individuais.

Cardoso (2004) refere no seu estudo em jovens atletas de desportos colectivos e individuais, que os atletas de desportos colectivos apresentam maior índice de atitudes contrárias à ética desportiva (Batota). Por outro lado, reportam mais atitudes de desportivismo, do que os indivíduos de desportos individuais.

Lourenço (2004), refere no seu estudo em jovens atletas do sexo masculino e feminino, que os rapazes estão mais predispostos a utilizar meios ilícitos, como a batota, para atingirem os seus objectivos, do que as raparigas. Pelo contrário, estas apresentam resultados superiores aos rapazes em situações de Fair-Play e espírito desportivo.

Freitas (2004), refere no seu estudo com jovens atletas do desporto escolar e do desporto federado, que estes últimos têm uma atitude mais concordante com o espírito desportivo, marcado pela cortesia de cumprimentar os adversários independentemente do resultado. Os participantes do desporto escolar assumem-se como aqueles que mais concordam com atitudes anti-desportivas.

O instrumento utilizado neste estudo é o "Sport Attitudes Questionnaire" (SAQ) de Lee & Whitehead (2002). Deste questionário extraímos quatro dimensões: "Batota", "Anti-desportivismo", "Convenção" e "Compromisso"

2.5. Orientação para a realização de objectivos

De acordo com a literatura, existe uma relação entre Orientação para a realização de objectivos e a aquisição de comportamentos como, o esforço, escolha da Tarefa, performance e consistência.

Existem dois tipos de orientação para a realização de objectivos, a orientação para a Tarefa e a orientação para o Ego (Nicholls, 1989 citado por Cumming et al, 2002).

Os mesmo autor refere que "como a orientação para o Ego e para a Tarefa são constructos ortogonais, os atletas conseguem estar orientados de modo elevado nas duas direcções, baixo nas duas, ou alto numa e baixo na outra". Aliás, Cumming et al (2002) afirma que para se alcançar o sucesso numa competição é necessário estarem presentes

no atleta, os dois tipos de orientação (o atleta tem que demonstrar habilidades superiores quando comparados com outros e têm que aperfeiçoar ao máximo as suas capacidades).

Um atleta orientado para a Tarefa, tem uma forte motivação intrínseca tendo como principal objectivo a melhoria das suas capacidades e habilidades individuais (Duda et al 1995).

O atleta que esteja num ambiente direccionado para a melhoria das capacidades, tende a desenvolver um espírito de orientação para a Tarefa. Hardy et al (1996) referem que estes indivíduos atribuem maior importância ao esforço. Este indivíduo pretende melhorar o seu desempenho, não para ser o melhor, mas para melhorar as suas capacidades. Segundo Weiss (1999) estes têm maior percepção da habilidade desportiva, maior motivação intrínseca e esforçam-se mais durante as actividades físicas. Assim, a orientação para a Tarefa enfatiza a aprendizagem e a melhoria das capacidades do próprio indivíduo.

O atleta orientado para o Ego, procura constantemente destacar-se dos outros atletas, e denota uma motivação intrínseca reduzida. Um clima que valorize a orientação para o Ego visa a superioridade na performance. Este atleta não dá grande importância à aprendizagem e à melhoria das suas capacidades (Duda et al 1995). De acordo com Hardy et al (1996), os atletas formulam as suas percepções na competência, ou seja, comparam o seu desempenho com o de outros participantes na competição. Ainda, segundo Weiss (1999) os atletas orientados para o Ego têm menos percepções positivas sobre si mesmos, menor motivação intrínseca e défice de afectividade.

Os indivíduos orientados para o Ego, tendem a esforçar-se menos quando se deparam com dificuldades ou com a derrota. Porque o seu objectivo é demonstrar superioridade, as situações em que não conseguem ultrapassar os outros, causam-lhes a sensação de incompetência, menos persistência e o decréscimo da intensidade do comportamento (Duda et al, 1995 citados por Cumming et al, 2002). Assim, parece credível que estes atletas não se esforcem ao máximo numa competição, quando as probabilidades de serem bem sucedidos são reduzidas. Isto pode levar a que o indivíduo, com a sua necessidade de vencer, valorize menos o espírito desportivo (Hardy et al, 1996).

O ambiente proporcionado ao atleta é preponderante na aprendizagem, influenciando a formação e o comportamento do atleta na competição.

Duda et al (1995) referem os benefícios de uma orientação para a Tarefa. Ames (1992), citado por Weiss, (1999) reforça essa ideia, afirmando que o clima de ensino-aprendizagem deve privilegiar a orientação para a Tarefa pois, promove um desenvolvimento psicológico positivo durante a adolescência e aumenta a eficácia nos programas educativos de habilidades desportivas.

2.5.1. Estudos sobre Orientação para a Realização de Objectivos

Hardy et. al (1996), referem no seu estudo, que os atletas que obtêm classificações elevadas nos itens da "Tarefa", têm maior predisposição para treinarem durante os seus tempos livres e evidenciam mais esforço para conseguirem atingir elevados níveis de performance. Os indivíduos que se preocupam somente em vencer, apresentam elevados níveis de ansiedade, pouca eficácia e pouca vontade em tentar melhorar as suas performances. Estes autores também referem, que os atletas que obtêm classificações elevadas nos itens de orientação para o "Ego" dos questionários TEOSQ, revelam uma maior predisposição para efectuarem comportamentos de batota como forma de vencer a competição em que participam.

Ainda os mesmos autores, citando Duda (1991), referem a existência de uma correlação positiva entre a orientação para o "Ego" e a realização de batota.

Dunn & Cosgrove (1999) citados por Joyner & Mummery (2004), constataram que em jogadores de elite, na modalidade de hóquei no gelo, os indivíduos com grande orientação para a Tarefa tendiam a respeitar as Convenções sociais, o Compromisso, e as regras da modalidade. Pelo contrário, os indivíduos com grande orientação para o Ego têm pouco respeito pelas regras e pelos juízes.

No estudo de Gonçalves et al (2003), em jovens atletas de basquetebol, constataram que os indivíduos estavam claramente orientados para a Tarefa, embora se prenuncie um aumento da orientação para o Ego nos indivíduos mais velhos.

Lee et al (2002) constataram no seu estudo, que os indivíduos do sexo masculino estão mais orientados para o Ego do que as raparigas. Os mesmos autores não encontraram diferenças significativas entre os dois grupos, no que se refere à orientação para a Tarefa.

Freitas (2004) refere, no estudo que faz com jovens atletas do desporto escolar e desporto federado, que os indivíduos do desporto escolar revelam maior orientação para o Ego do que os do desporto federado. Não há diferenças significativas entre jovens atletas do desporto escolar e desporto federado em relação à orientação para a Tarefa.

Lourenço (2004) depois de, estudar jovens atletas do sexo masculino e feminino, concluiu que os indivíduos do sexo masculino possuem maior orientação para o Ego do que as raparigas. Não há diferença significativa entre jovens atletas do sexo masculino e feminino em relação à orientação para a Tarefa.

No trabalho realizado com jovens atletas de modalidades individuais e colectivas, Cardoso (2004), menciona que ambos os grupos estão fortemente orientados para a Tarefa, sendo o valor presente nos desportos colectivos ligeiramente superior. Por outro lado e, embora, os dois grupos tenham valores baixos no que se refere ao Ego, os atletas de modalidades individuais estão mais orientados para o Ego.

Um dos instrumentos utilizados nestes estudos (e que é utilizado neste estudo), é o "Task and Ego Orientation in Sport Questionnaire" (TEOSQ) de Duda & Nichols (1989). Este instrumento vai medir a predisposição de cada indivíduo, em adoptar a orientação para o Ego ou para a Tarefa, dentro da prática desportiva. É constituído por 13 itens que correspondem a situações que reflectem a orientação para a Tarefa ou para o Ego.

3. METODOLOGIA

3.1. Amostra

Neste estudo participaram 993 atletas (482 atletas preencheram o questionário no ano passado, e 511 preencheram o questionário no presente ano), com idades entre os 13 e os 16 anos (495 são do género masculino, e 498 do género feminino) e praticantes de 15 modalidades desportivas (Andebol, Atletismo, Badminton, Basquetebol, Canoagem, Futebol, Ginástica, Natação, Hóquei, Patinagem, Remo, Ténis de Mesa, Judo, Voleibol e Ténis).

Os atletas estão divididos em vários grupos de acordo com a prática desportiva. São estes, o contexto (escolar ou federado), tipo (individual ou colectivo), bem como o género (referido anteriormente).

O estudo realizado englobou principalmente atletas da zona centro nomeadamente do distrito de Coimbra, Viseu e Aveiro.

Tabela 1. Distribuição global da amostra segundo o género, o contexto e o tipo de desporto (n = 993).

		Nº de atletas
Género	Masculino	495
	Feminino	498
Contexto	Escolar	438
	Federado	555
Tipo	Individual	497
	Colectivo	496
Total		993

Tabela 2. Distribuição dos atletas segundo o género, de acordo com o contexto e o tipo de desporto (n = 993).

	Federado		Escolar	
	Individual	Colectivo	Individual	Colectivo
Masculino	156	126	109	104
Feminino	124	149	116	109
Total	280	275	225	213

Tabela 3. Distribuição da amostra de acordo com a modalidade praticada (n = 993).

Modalidades Colectivas (n = 488)		Modalidades Individuais (n = 505)	
Andebol	47	Atletismo	129
		Badminton	63
Basquetebol	148	Canoagem	3
		Ginástica	57
Futebol	156	Judo	44
		Natação	146
Hóquei	10	Patinagem	0
		Remo	10
Voleibol	127	Ténis de Mesa	37
		Ténis	16

3.2. Instrumentos

Foram utilizados no estudo três questionários:

- "Youth Sport Values Questionnaire" (YSVQ-2) de Lee & Whitehead (2002), com autorização do mesmo e seguindo os procedimentos de tradução e adaptação descritos em Lourenço (2004) – é de referir que este questionário não foi aplicado no presente ano, mas sim no ano transacto.

- "Sport Attitudes Questionnaire" (SAQ) de Lee & Whitehead (2002), com autorização do mesmo seguindo os procedimentos de tradução e adaptação descritos em Lourenço (2004);

- "Task and Ego Orientation in Sport Questionnaire" (TEOSQ), Duda & Nichols (1989), traduzido e adaptado para português por Fonseca (1999).

3.3. Procedimento

Antes da realização das visitas, foi estabelecido contacto com os responsáveis pelos alunos / atletas, de modo a esclarecer o contexto da tarefa e o seu procedimento.

As visitas aos clubes e escolas no presente estudo decorreram entre os dias 13 de Novembro e 22 de Dezembro de 2004. Os questionários foram preenchidos, com autorização dos treinadores/professores, no início ou no final dos treinos e competições desportivas, após breves instruções verbais. O anonimato e a confidencialidade das respostas foram assegurados.

3.4. Observadores

Os observadores do presente estudo são os 4 alunos do seminário, coordenados e orientados pelos orientadores deste.

Como a tarefa de distribuição se revelava complicada, os alunos do seminário foram ajudados por vários colegas, para a aplicação dos questionários nas suas escolas.

3.5. Análise estatística

Para a análise estatística dos dados foi utilizado o programa de estatística S.P.S.S. (Statistical Package for the Social Sciences) versão 10.0.

Foi efectuada a correlação entre as dimensões Estatuto e Competência, extraídas do YSVQ-2 com as dimensões Tarefa e Ego extraídas do TEOSQ.

Foi também efectuada a correlação entre as dimensões Tarefa e Ego, extraídas do TEOSQ com as dimensões Convenção, Compromisso, Batota e Anti-desportivismo, extraídas do SAQ.

Por fim, foram analisados os efeitos do género, contexto e tipo de desporto sobre as dimensões extraídas do YSVQ-2, TEOSQ e SAQ.

4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Tabela 4. Coeficiente de correlação bivariada simples entre as dimensões Competência e Estatuto extraídas do questionário de Valores no desporto (YSVQ-2) e a Orientação para a Realização de Objectivos (TEOSQ)

		n	TEOSQp			
			Tarefa		Ego	
			r	p	r	p
Competência, YSVQp-2	Masculino	248	+ 0.34	**	- 0.21	**
	Feminino	234	+ 0.49	**	0.00	n.s.
	Escolar	167	+ 0.43	**	- 0.14	n.s.
	Federado	315	+ 0.40	**	- 0.08	n.s.
	Individual	222	+ 0.36	**	- 0.04	n.s.
	Colectivo	260	+ 0.43	**	- 0.17	**
	Total	482	+ 0.40	**	- 0.11	*
Estatuto, YSVQp-2	Masculino	248	+ 0.18	**	+ 0.44	**
	Feminino	234	+ 0.05	n.s.	+ 0.49	**
	Escolar	167	+ 0.13	n.s.	+ 0.42	**
	Federado	315	+ 0.09	n.s.	+ 0.53	**
	Individual	222	+ 0.14	*	+ 0.52	**
	Colectivo	260	+ 0.07	n.s.	+ 0.52	**
	Total	482	+ 0.11	*	+ 0.50	**

n.s. (não significativo), * ($p \leq .05$), ** ($p \leq .01$)

Os dados da Tabela 4 mostram que a dimensão Competência, extraída do questionário de Valores no desporto (YSVQ-2), está positivamente associada à orientação para a Tarefa. Os coeficientes da correlação são sempre significativos ($p \leq .01$), variando entre + 0.34 e + 0.49.

A dimensão Estatuto, igualmente extraída do questionário de Valores no desporto (YSVQ-2), está positivamente associada à orientação para o Ego. Também neste caso, os coeficientes são sempre significativos ($p \leq .01$), oscilando as correlações entre + 0.44 e + 0.53.

De uma forma geral, podemos dizer que, a Competência é independente do Ego e o Estatuto também parece independente da Tarefa.

Uma das hipóteses formuladas no presente estudo refere que, a dimensão Competência do YSVQ se sobrepõe à dimensão Tarefa do TEOSQ, enquanto a dimensão Estatuto do YSVQ se sobrepõe à dimensão Ego do TEOSQ. Esta hipótese é comprovada pelos resultados obtidos e apresentados neste estudo.

Gill et al (1983), White & Duda's (1994) citados por Gano-Overway et al (2005), vão de encontro aos resultados referindo que, os indivíduos orientados para a Tarefa têm motivação intrínseca que os leva à participação desportiva, ou seja, ao desenvolvimento das suas capacidades. Pelo contrário, nos indivíduos orientados para o Ego a sua prática desportiva está relacionada com motivos extrínsecos, neste caso o reconhecimento social. Também Treasure & Roberts (1994) citados por Duda & Ntoumanis (2003), referem, no seu estudo, que a orientação para a Tarefa está ligada à visão da prática desportiva como meio de desenvolvimento pessoal e que, a orientação para o Ego parte da crença de que o objectivo do desporto se relaciona com a melhoria do Estatuto social do individuo.

Esta tendência era previsível, pois os indivíduos orientados para a Tarefa têm como principal objectivo, durante a prática desportiva, valorizar a aprendizagem e a melhoria das capacidades do próprio individuo, ou seja, a aquisição de competências.

Pelo contrário, os indivíduos orientados para o Ego não dão grande importância à aprendizagem e à melhoria das suas capacidades. Esses indivíduos comparam o seu desempenho com os de outros participantes na competição, procurando constantemente ser melhor que o outro e ganhar, ou seja, melhorar o seu Estatuto.

No caso da correlação entre as dimensões Estatuto e Tarefa, as diferenças no género são patentes. Para os rapazes existe uma correlação positiva e significativa ($r = 0.18$; $p \leq .01$) entre Estatuto e Tarefa, enquanto que, para as raparigas, a correlação não é significativa. Isto, porque para os rapazes, a perseguição do Estatuto é compatível com o empenhamento na Tarefa, o que não acontece com as raparigas.

Essa leitura pode-se relacionar com o facto de existirem diferenças no género no que, se refere à participação desportiva e à popularidade promovida por esta. Lee et al, (2002) no seu estudo, constataram que os rapazes perseguem mais o Estatuto do que as raparigas. Aliás, segundo End et al (2004), a participação desportiva, é vista como uma determinante mais importante para a popularidade dos rapazes, do que para a popularidade das raparigas.

Na correlação entre as dimensões Competência e Ego, verificam-se diferenças no género e no tipo de modalidade. Nos rapazes existe uma correlação negativa e significativa ($r = - 0.21$; $p \leq .01$) entre as duas dimensões, enquanto que nas raparigas, a correlação não é significativa. No que se refere ao tipo, nas modalidades colectivas existe uma correlação negativa e significativa ($r = - 0.17$; $p \leq .01$), mas nas modalidades individuais a correlação não é significativa. Isto pode sugerir que os rapazes, bem como o grupo de indivíduos de desportos colectivos que perseguem a Competência, estejam menos orientados para o Ego.

Em relação à correlação entre as dimensões Competência e Tarefa constata-se, dentro do género, que o valor da correlação nos indivíduos Femininos é bem inferior ao Masculino. Assim, existe, nos rapazes uma correlação positiva e significativa ($r = 0.34$; $p \leq .01$), e nas raparigas também uma correlação positiva e significativa ($r = 0.49$; $p \leq .01$). Apesar de ambos os géneros orientados para a Tarefa tenderem a perseguir as Competências, é de salientar que essa tendência é significativamente superior nas raparigas. Segundo Ewing (1981) citada por Lourenço (2004), as raparigas preocupam-se primordialmente com a qualidade da realização das suas tarefas, ao invés dos rapazes, que consideram o sucesso, o patamar que lhes proporciona a satisfação pessoal

A última hipótese refere que existem diferenças de género, contexto e tipo de desporto na expressão das dimensões extraídas do YSVQ-2 e TEOSQ. Apesar de se constatarem algumas dessas diferenças (mencionadas anteriormente), de uma forma geral, não existiram variações substanciais do sentido e da magnitude das correlações em função do Género, Contexto da prática e Tipo de modalidade.

De acordo com o observado, os atletas orientados para o Ego tentam superiorizar-se aos outros, pois só assim sentem que têm sucesso. Para eles, a participação desportiva é um meio de chegar ao seu objectivo, que está relacionado com os ganhos pessoais e Estatuto social. Por outro lado, os atletas orientados para a Tarefa focam o seu interesse na aprendizagem e melhoria. A sua satisfação, provém do desenvolvimento pessoal, da cooperação com os outros e da auto-disciplina.

Tabela 5. Coeficiente de correlação bivariada simples entre a Orientação para a Realização de Objectivos (TEOSQ), e as componentes principais extraídas do questionário de Atitudes face ao desporto (SAQ).

		n	SAQp							
			Batota		Anti-desportivismo		Convenção		Compromisso	
			r	p	r	p	r	p	r	p
Tarefa TEOSQp	Masculino	495	- 0.23	**	- 0.16	**	+ 0.37	**	+ 0.39	**
	Feminino	498	- 0.06	n.s.	- 0.03	n.s.	+ 0.21	**	+ 0.46	**
	Escolar	438	- 0.25	**	- 0.23	**	+ 0.31	**	+ 0.43	**
	Federado	555	- 0.10	*	- 0.02	n.s.	+ 0.28	**	+ 0.40	**
	Individual	497	- 0.22	**	- 0.18	**	+ 0.28	**	+ 0.43	**
	Colectivo	496	- 0.14	**	- 0.09	n.s.	+ 0.30	**	+ 0.40	**
	Total	993	- 0.17	**	- 0.11	**	+ 0.30	**	+ 0.42	**
Ego TEOSQp	Masculino	495	+ 0.24	**	+ 0.28	**	- 0.07	n.s.	- 0.05	n.s.
	Feminino	498	+ 0.20	**	+ 0.17	**	- 0.18	**	+ 0.11	*
	Escolar	438	+ 0.24	**	+ 0.28	**	- 0.14	**	- 0.06	n.s.
	Federado	555	+ 0.28	**	+ 0.30	**	- 0.12	**	+ 0.09	*
	Individual	497	+ 0.32	**	+ 0.35	**	- 0.10	*	- 0.01	n.s.
	Colectivo	496	+ 0.26	**	+ 0.30	**	- 0.08	n.s.	+ 0.06	n.s.
	Total	993	+ 0.26	**	+ 0.29	**	- 0.13	**	+ 0.02	n.s.

n.s. (não significativo), * ($p \leq .05$), ** ($p \leq .01$)

Como se pode ver através da observação da Tabela 5, a orientação para a Tarefa associa-se positivamente e significativamente à Convenção (varia entre 0.21 e 0.37) e ao Compromisso (varia entre 0.39 e 0.46), sempre com ($p \leq .01$). É de referir ainda que, a orientação para a Tarefa associa-se negativamente e significativamente à dimensão Batota (r total = - 0.17; $p \leq .01$). Estes resultados estão de acordo com o estudo de Lee et al (2002) e demonstram que os indivíduos que procuram a melhoria das suas capacidades, estão mais associados ao desportivismo, ou seja, adoptam Atitudes mais positivas durante a prática desportiva. A orientação para a Tarefa está, assim, associada às Atitudes desportivas positivas (Guivernau, 1999 citada por Gano-Overway et al, 2005, e Duda et al, 1991 citada por Kavussanu & Ntoungamis, 2003), fomentando o respeito pelas Convenções sociais e o Compromisso (Dunn & Dunn, 1999 citados por Kavussanu & Ntoungamis, 2003).

Os atletas orientados para a Tarefa, estão concentrados na própria Tarefa, melhorando as suas capacidades de modo a potenciá-las ao máximo e sentem-se bem sucedidos quando conseguem chegar à mestria. Por isso, atitudes negativas como a Batota ou Anti-desportivismo não são tidas em conta por eles.

Por outro lado, a orientação para o Ego, está mais associada à Batota (varia entre 0.20 e 0.32) e ao Anti-desportivismo (varia entre 0.17 e 0.35), com ($p \leq .01$). Lee et al (2002) no seu estudo, confirmam esta tendência. Assim, os indivíduos que procuram a

superioridade em relação aos outros, movidos por motivações extrínsecas, tendem a adoptar atitudes desportivas negativas. Duda et al (1991) citados por Joyner & Mummery (2005) confirmam esta associação referindo que, a orientação para o Ego está associada ao Anti-desportivismo e à Batota. Também Dunn & Dunn (1999) citados por Kavussanu & Ntoungamis (2003), associam a orientação para o Ego com a falta de respeito às regras e aos árbitros.

Um aspecto negativo associado ao clima de orientação para o Ego é, segundo Nicholls (1989), citado por Hardy *et al* (1996), a maior predisposição destes atletas para o desenvolvimento de comportamentos e atitudes ilegais.

Porque a percepção da competência por parte dos indivíduos orientados para o Ego, depende da sua comparação com os outros atletas, esse individuo tem maior tendência para quebrar as regras e para ter comportamentos anti-desportivos quando a vitória está em jogo.

Os resultados apontados anteriormente, vão de encontro à hipótese que considera que a dimensão Tarefa do TEOSQ é uma variável preditora da dimensão Convenção e Compromisso do SAQ. A dimensão Ego do TEOSQ é uma variável preditora da dimensão Batota e Anti-desportivismo do SAQ.

Deste modo, citando Ames (1992) citado por Weiss (1999), deve ser dada primazia a um clima que privilegie a orientação para a tarefa, principalmente porque este ambiente promove um desenvolvimento psicológico positivo durante a adolescência. Outra vantagem da orientação para a tarefa é a sua maior eficácia nos programas educativos de habilidades desportivas.

No estudo mais pormenorizado da Tabela 5, podemos encontrar outros valores susceptíveis de serem analisados:

Na correlação entre as dimensões Tarefa e Batota, existem diferenças significativas ao nível do género e do contexto. No género Masculino, existe uma correlação negativa e significativa ($r = - 0.23$; $p \leq .01$) entre as duas dimensões, e no género Feminino, a correlação é não significativa. Isto demonstra que, os jovens do Género Masculino

orientados para a Tarefa, não tendem a adoptar atitudes de Batota durante a prática desportiva. Para as Raparigas, a Batota não é compatível com a sua prática.

No desporto Escolar existe uma correlação negativa e significativa ($r = - 0.25$; $p \leq .01$) entre as dimensões Tarefa e Batota, bem no desporto Federado ($r = - 0.10$; $p \leq .05$). Como se vê, há uma diferença de valores relativamente significativa, entre o desporto Escolar e o desporto Federado. Apesar de ambos os contextos não tenderem a adoptar Atitudes de Batota, é de salientar que, no desporto Federado esta tendência está mais presente e consolidada. Este resultado não está de acordo com o estudo de Fernandes, (2003) citado por Freitas, (2004), no qual os indivíduos do desporto Federado dos 13 aos 15 anos, se assumem como aqueles que mais concordam com atitudes anti-desportivas, tal como a Batota, em aulas de educação física. Isto pode acontecer pela importância que os agentes de socialização atribuem à competição. É óbvio que os pais não dão tanta importância ao desporto escolar como ao desporto federado. McElroy e Kirkendall (1980) citado por Gonçalves (1988), definiram uma relação directa entre o comportamento correcto evidenciado por jovens dos 10 aos 18 anos de idade e a percepção que estes tinham da atitude dos seus pais face à prática desportiva competitiva. Assim, quanto mais pressões sofriam por parte dos pais no sentido de ganhar e de jogar bem, mais baixo era o comportamento desportivo evidenciado pelos jovens.

Na correlação entre as dimensões Tarefa e Anti-desportivismo, existem diferenças ao nível do Género, Contexto e Tipo de modalidade desportiva.

No género Masculino, existe uma correlação negativa e significativa ($r = - 0.16$; $p \leq .01$) entre as duas dimensões, no Género Feminino, a correlação é não significativa, o que mostra que, os indivíduos Masculinos orientados para a Tarefa, não tendem a adoptar Atitudes de Anti-desportivismo.

No desporto Escolar existe uma correlação negativa e significativa ($r = - 0.23$; $p \leq .01$) entre as duas dimensões, no desporto Federado, a correlação é não significativa. Constatamos aqui, que os indivíduos de desportos Individuais orientados para a Tarefa, não tendem a adoptar Atitudes de Anti-desportivismo.

Na modalidade Individual, existe uma correlação negativa e significativa ($r = - 0.18$; $p \leq .01$) entre as duas dimensões, e na modalidade Colectiva a correlação é não significativa. Constatamos aqui, que os indivíduos do desporto Escolar orientados para a Tarefa, não tendem a adoptar atitudes de Anti-desportivismo.

Isto mostra-nos que, os indivíduos orientados para a Tarefa, não tendem a adoptar Atitudes anti-desportivas.

Na correlação entre as dimensões Tarefa e Convenção, existem diferenças ao nível do género. No género Masculino, existe uma correlação positiva e significativa ($r = + 0.37$; $p \leq .01$) entre as duas dimensões, no Género Feminino, existe uma correlação positiva e significativa ($r = + 0.21$; $p \leq .01$). Há assim, uma diferença de atitudes relativamente significante entre os indivíduos Masculinos e Femininos. Apesar de, ambos os contextos tenderem para a adopção da Convenção, é de salientar que nos Rapazes esta tendência está mais presente e consolidada. No seu estudo com jovens futebolistas do sexo feminino, Guivernau & Duda (1998) citados por Gano-Overway et al (2005), constataram que um clima que envolva a orientação para a tarefa está associado a um baixo nível de agressão contra o adversário. Adicionalmente, Ommundsen et al (2004) citados por Gano-Overway et al (2005), constataram que nos jovens futebolistas do sexo masculino, um clima orientado para a tarefa está associado às atitudes positivas, tal como o respeito pelas regras, e Convenções sociais.

Na correlação entre as dimensões Ego e Convenção, existem diferenças ao nível do género. No género Feminino, existe uma correlação negativa e significativa ($r = - 0.18$; $p \leq .01$) entre as duas dimensões, e no género Masculino, a correlação é não significativa. Isto demonstra que, os jovens do género Feminino orientados para o Ego, não tendem a adoptar a Convenção durante a prática desportiva.

Complementarmente, é também possível notar-se uma variação inversa, embora de maior magnitude mas igualmente significativa, entre a orientação para o Ego e a Convenção (- 0.07 a - 0.018), bem como entre a orientação para a Tarefa com a Batota (- 0.06 a - 0.25) e com o Anti-desportivismo (- 0.03 a - 0.23).

A última hipótese refere que existem diferenças de género, contexto e tipo de desporto na expressão das dimensões extraídas do TEOSQ e SAQ. Apesar de constatarmos algumas dessas diferenças (mencionadas anteriormente), de uma forma geral, não existiram variações substanciais do sentido e da magnitude das correlações em função do Género, Contexto da prática, e Tipo de modalidade.

Apesar dos atletas entrarem no ambiente desportivo com certas disposições, o clima motivacional pode influenciar as suas atitudes. Se o treinador estrutura o clima da equipa de modo a dar mais ênfase à cooperação, ao trabalho árduo e ao desenvolvimento pessoal, esta atmosfera pode afectar a interpretação dos atletas acerca do sucesso e, conseqüentemente, o seu funcionamento moral. Baseado em estudos anteriores, podemos dizer que os treinadores que promovem um clima orientado para a Tarefa, constroem nos jovens atletas atitudes de respeito para o jogo.

5. CONCLUSÕES

5.1. *Limitações do estudo*

Antes de apresentar as conclusões propriamente ditas, é necessário reconhecer algumas limitações do estudo:

- apesar de se tentarmos distribuir a amostra uniformemente, verificou-se que dentro do contexto (Escolar e Federado), a amostra não se encontra satisfatoriamente distribuída;
- a amostra não se encontra distribuída uniformemente pelas diferentes modalidades presentes no estudo, havendo um maior número de indivíduos no Voleibol, Futebol, Basquetebol, Natação, e Atletismo, em detrimento de outras modalidades pouco representadas (o número de atletas devia ser igual em todas as modalidades);
- a distribuição dos inquéritos foi feita maioritariamente na zona centro de Portugal (sobretudo Aveiro, Coimbra, Leiria e Viseu), logo não se podem adequar as conclusões obtidas à realidade nacional;

5.2. *Conclusões propriamente ditas*

A hipótese que defende que a dimensão Competência do YSVQ se sobrepõe à dimensão Tarefa do TEOSQ e que a dimensão Estatuto do YSVQ se sobrepõe à dimensão Ego do TEOSQ, foi comprovada.

A hipótese que defende a existência de diferenças do Género, Contexto e Tipo de desporto na expressão das dimensões extraídas do TEOSQ e YSVQ, não foi confirmada pois, em muitos casos, não existiram variações substanciais do sentido e da magnitude.

As hipóteses que sustentam que a dimensão Tarefa do TEOSQ é uma variável preditora da dimensão Convenção e Compromisso do SAQ, e que a dimensão Ego do TEOSQ é uma variável preditora da dimensão Batota e Anti-desportivismo do SAQ, foram confirmadas pelos resultados. Este facto pode ajudar no processo de treino, pois assim, o treinador sabe que terá de construir um ambiente orientado para a Tarefa, para que os alunos adotem atitudes positivas de desportivismo.

No entanto, a hipótese que defendia a existência de diferenças do Género, Contexto e Tipo de desporto na expressão das dimensões extraídas do TEOSQ e SAQ, não foi

confirmada, pois em muitos casos, não existiram variações substanciais do sentido e da magnitude.

5.3. Sugestões para estudos seguintes

Como é um tema pouco explorado em Portugal, há necessidade de se realizarem mais estudos, de forma a confirmar os resultados e as conclusões deste estudo.

Com a obtenção dos resultados neste estudo, surgiram especulações interessantes que poderão ser respondidas em estudos futuros:

- alargar esta pesquisa a todo o território português, de modo a verificar se a tendência dos resultados é semelhante a este estudo;
- aproveitar os resultados em que houve diferenças significativas dentro do Género, Contexto, e tipo de Modalidade, e estudar as razões que podem ter levado a tal;
- realizar estudos semelhantes utilizando uma amostra constituída apenas por uma modalidade desportiva, de modo a conhecer e compreender as suas características intrínsecas e as do indivíduo praticante;
- realizar estudos semelhantes, comparando diferentes Estatutos sociais, para verificar se existem diferenças entre indivíduos de Estatuto social mais elevado com alunos de Estatuto social mais baixo;
- realizar estudos que aproveitem estes resultados e os comparem com as razões para o abandono desportivo;
- realizar estudos longitudinais, de modo a verificar como os Valores, as Atitudes e a Orientação para a Realização de Objectivos evoluem no atleta desde que começaram a sua prática desportiva até à idade adulta.

6. BIBLIOGRAFIA

Ajzen I, Fishbein M (1980). *Understanding Attitudes and Predicting Social Behaviour*. Englewood Cliffs. NJ: Prentice Hall

Batra R, Homer P, Kahle L (2001). Values, Susceptibility to Normative Influence, and Attribute Importance Weights: A Nomological Analysis. *Journal of Consumer Psychology*. 11(2). 115–128

Burnett J (1998). Attitude in Youth Sports: Parents Set the Tone. <https://www.courseware.vt.edu/users/rstratto/CYSarchive/ParentsNov98.html>

Cardoso L (2004). Valores no desporto de jovens, atitudes face à prática desportiva e orientação motivacional. *Monografia de licenciatura*. FCDEF - Universidade de Coimbra

Cumming J, Hall C, Harwood C, Gammage K (2002). Motivational orientations and imagery use: a goal profiling analysis. *Journal of Sports Sciences*. 20. 127-136.

Duda J, Hall H (2001). Achievement goal theory in sport: recent extensions and future directions. In R Singer, H Hausenblas, C Janelle (Editores). *Handbook of sport psychology*. Wiley, New York. pp. 417–443

Duda J, Chi L, Newton M, Walling M, Cately D (1995). Task and ego orientation and intrinsic motivation in sport. *International Journal of Sport Psychology*. 26. 40-63

End C, Kretshmar J, Dietz-Uhler B (2004). College Students' Perceptions of Sports Fandom as a Social Status Determinant. *International Sports Journal*. Winter. 114-123
<http://contentserver.epnet.com/pdf10/pdf/2004/HZ6/01Jan04/11913232.pdf?T=P&P=A N&K=11913232&EbscoContent=RUJDQ5zFzZdviY%2BLnLfYi4GGj6BvhpOlhI2Zn4h2prijAAAA&ContentCustomer=RUJDQ7TJz8y4xJrNfMXNpsmJmAAAP>

Feio N (1989). A dimensão ética e cultural do desporto. Ensaio sobre a multidimensionalidade do agôn contemporâneo. In J Bento, A Marques (editores) *Desporto, ética, sociedade Actas do fórum desporto, ética, sociedade*. Porto: F.C.D.E.F. U.P.. pp 46-59

Fernandes A (2000). A percepção dos atletas de desportos colectivos e de desportos individuais acerca da importância dos valores presentes na prática desportiva para a formação da personalidade. *Monografia de licenciatura*. FCDEF - Universidade de Coimbra.

Fernandes A (2003). Uma perspectiva multidimensional dos valores morais no contexto desportivo. <http://psicodeporte.nu/biblioteca/articulos/helder.pdf>

Freitas F (2004). Valores no desporto de jovens, atitudes face à prática desportiva e orientação motivacional - relatório preliminar em jovens atletas de desporto escolar e desporto federado. *Monografia de licenciatura*. FCDEF. Universidade de Coimbra.

Gano-Overway L, Guivernau M, Magyar T, Waldron J, Ewing M (2005) *Psychology of Sport and Exercise*. 6(2). 215-232

Gill D (1986). *Psychological dynamics of sport*. (79-111). Human Kinetics. United States of América

Gonçalves C (1988). O espírito desportivo na formação do jovem praticante. *Revista Horizonte*. 5 (28). Dossiê

Gonçalves C (1999). O espírito desportivo na formação dos jovens praticantes. In *Seminário Internacional Treino de Jovens*. Lisboa. Secretaria de Estado do Desporto, pp 111-122

Gonçalves C, Silva M (2003). *Valores e orientação motivacional no desporto de jovens - estudo exploratório em basquetebolistas dos 13-16 anos*. Comunicação ao Congresso de Ciências do Desporto, Valência

Gonçalves C, Cardoso L, Freitas F, Lourenço J, Silva M (2004) Valores no Desporto de Jovens: Conceções e Instrumentos. Submetido para publicação

Hardy L, Jones G, Gould D (1996). *Understanding psychological preparation for sport: theory and practice of elite performers*. John Wiley & Sons. England

Joyner K, Mummery K (2005). Influences on Sportspersonship Orientations. <http://contentserver.epnet.com/pdf9/pdf/2005/24O/01Mar05/16707444.pdf?T=P&P=AN&K=16707444&EbscoContent=RUJDQ5zFzZdviY%2BLnLfYi4GGj6BvhpSlf4eZoIF2prijAAAA&ContentCustomer=RUJDQ7TJz8y4xJrNfMXNpsmJmAAAP>

Kavussanu M, Ntoungamis N (2003). Participation in Sport and Moral Functioning: Does Ego Orientation Mediate Their Relationship?. *Journal of Sport & Exercise Psychology*. 25. 501-518

Lee M (1993). Why are you coaching children?. In M Lee (editor). *Coaching children in sport*. London. E & FN SPON., pp 27-38

Lee M, Whitehead J, Balchin J (2000). The measurement of values in youth sports: developments of the youth sport values questionnaire. *Journal of Sports and Exercise Psychology*. 22 (4). 307-326

Lee M, Whitehead J (2002). The effect of values, achievement goals, and perceived ability on moral attitudes in youth sport. *Unpublished report submitted to the Economic and Social Research Council*. London.

Lourenço J (2004) Valores no desporto de jovens, atitudes face à prática desportiva e orientação motivacional - relatório preliminar em jovens atletas masculinos e femininos. *Monografia de licenciatura*. FCDEF - Universidade de Coimbra.

Sanmartin G (1995). *Valores sociales y deporte - La actividad física y el deporte como transmissores de valores sóciales y personales*. Gymnos, Editorial Deportiva, SL. Madrid

Silva M, Sobral F, Malina R (2003). *Determinância sociogeográfica da prática desportiva na adolescência*. Centro de Estudos do Desporto Infanto-Juvenil FCDEF-UC

Tucker L, Parks J (2001). Effects of gender and sport type on intercollegiate athletes' perceptions of the legitimacy of aggressive behaviours in sport. *Sociology of Sport Journal*. 18. 403-413

Vala J, Monteiro M. (1997). *Psicologia Social (3a ed.)*. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa

Weiss M (1999). Social interferences on children-s psychosocial development in youth sports. In R Malina, M Clark (editores). *Youth sports. Perspectives for a new century*. Coaches Choice. pp 109-126

Whitehead J (1993). Why children choose to do sport - or stop. In M Lee (editor). *Coaching children in sport*. London. E & FN SPON, pp109-121

ANEXOS